

## AfroVisões: O Cinema em Diálogo com a História do Negro Brasileiro

Manuela Faustino da Silva Belo<sup>1</sup>  
Dricka Coelho de Souza<sup>2</sup>  
José Pereira de Sousa Júnior<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vividas durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), na área de História. Nesse contexto, foi elaborado um projeto nomeado como "AfroVisões", com a proposta de convergir discussões acerca do cinema afro-brasileiro em reflexões históricas, com destaque para a resistência negra. Esta atividade foi realizada em uma turma do 1º ano do ensino médio, com um percentual considerável de alunos negros, porém, com situações recorrentes de racismo. Desse modo, verificou-se a importância do debate em sala de aula, numa tentativa de promover a conscientização racial, valorização da cultura afro-brasileira e o combate a discriminação. O referencial teórico-metodológico adotado, compreendeu o uso da história cultural e a aprendizagem significativa, em consonância com a lei 10.639/2003. Ao fazer o uso dessas abordagens levou-se em consideração que o cinema não é apenas um instrumento recreativo, mas também uma ferramenta política, que esteve em conformidade com o período em que os filmes abordados foram produzidos, resultando ora em exclusões, ora em representações da população negra brasileira. Os resultados indicam que, embora o engajamento tenha sido baixo, ocorreram momentos de aprendizagem significativa.

**Palavras-chave:** Cinema, Educação, Negro, Racismo, Relato.

### INTRODUÇÃO

No decorrer desse texto, será discutido o desenvolvimento do projeto AfroVisões: Cinema, Resistência e Preservação da Cultura Afro-Brasileira em uma escola localizada na região da Mata Norte em Pernambuco. Esta proposta foi concebida a partir da inter-relação entre o cinema e discussões antirracistas, sob a ótica da lei 10.639/03.

Embora o cinema não possua um compromisso ético com o público, ele pode agir como potencial mobilizador de mudanças e é capaz de estimular no espectador o pensamento crítico. De acordo com Bell Hooks, os filmes proporcionam narrativas para discussões sobre temas como classe, raça e sexo, desse modo, essas obras podem ser um canal de experiência

<sup>1</sup> Graduanda pelo Curso de História da Universidade de Pernambuco - UPE, [manuela.belo@upe.br](mailto:manuela.belo@upe.br)

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de História da Universidade de Pernambuco - UPE, [dricka.coelho@upe.br](mailto:dricka.coelho@upe.br)

<sup>3</sup> Doutor do Curso de História da Universidade de Pernambuco - UPE, [josepereira.junior@upe.br](mailto:josepereira.junior@upe.br)





compartilhada onde os mais variados públicos podem conversar sobre assuntos polêmicos (HOOKS, 2023, p. 20). Nessa perspectiva, observa-se como o cinema negro brasileiro pode atuar na forma de uma poderosa ferramenta pedagógica.

Para compreender o cinema como instrumento de reflexão e transformação social, é importante considerar a sua história e mudanças. Desde as primeiras exhibições, a sétima arte vem se constituindo não apenas como uma forma de entretenimento, mas também como um meio de registrar, representar e questionar a sociedade, contando histórias que, como as do cinema negro brasileiro promovem debates sobre diversidade, identidade, resistência e cidadania.

O cinema surge em 1895, com a primeira exibição pública do curta-metragem *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon* em Paris, realizada pelos irmãos Lumière. No ano seguinte, esta nova forma de entretenimento chega ao Brasil pelas mãos de exibidores itinerantes, porém, é com os irmãos Segretto<sup>4</sup> que a sétima arte se estabelece em solo brasileiro. Contudo, apesar do cinema ter emergido entre o final do século XIX e início do século XX, a insuficiência de energia elétrica pôs a atividade cinematográfica brasileira em estado letárgico por cerca de uma década. É somente em 1907, com a geração de energia elétrica em escala industrial na cidade do Rio de Janeiro, que o comércio cinematográfico progride. Somado a isso, a abertura de salas de cinema em São Paulo e no Rio de Janeiro estimularam a importação de filmes estrangeiros, que foi acompanhado pelo desenvolvimento da produção cinematográfica nacional (GOMES, 1996, p. 09). Nesse primeiro momento, a comunidade negra aparecia de forma periférica, em desacordo com o enquadramento e o conteúdo das obras:

“É possível fazer uma homologia entre as posições sociais dos negros no período imediatamente posterior a abolição e as suas imagens laterais ocupando as bordas e o fundo dos enquadramentos. Elas escaparam ao controle dos cinegrafistas.”  
(CARVALHO, 2022, p. 26)

É somente a partir da década de 1910 que o negro começa a ser incluído dentro do plano cinematográfico, porém, de forma esporádica. De acordo com Noel dos Santos Carvalho, alguns eventos históricos em que a participação da comunidade negra foi determinante ganharam adaptações, como a Revolta da Chibata. Este acontecimento resultou no documentário *Revolta da Esquadra*, e os filmes *Rebelião da Marinhagem da Esquadra*, *Revolta no Rio* e *A Revolta dos Marinheiros*, ambos de 1910. No ano de 1912, o cineasta

<sup>4</sup> Paschoal e Affonso Segretto, são considerados pioneiros no cinema brasileiro, empreendendo na produção e exibição de filmes no final do século XIX e início do XX, na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, Affonso Segretto foi o responsável pela primeira filmagem realizada no Brasil, o curta-metragem *Vista da Baía de Guanabara* (1898).





Carlos Lambertini realiza um filme de ficção sobre a vida de João Cândido, porém, a obra foi confiscada pelas autoridades da marinha e desapareceu (CARVALHO, 2005, p. 22). De acordo com Maria Rita Galvão e Jean-Claude Bernardet, os filmes do período mudo brasileiro funcionavam como caixas de eco ideológicas, isso porque a indústria cinematográfica refletia as suas relações com o Estado e as idéias dominantes em suas produções. (GALVÃO; BERNADET apud CARVALHO, 2005, p. 21). Um exemplo disso, como aponta Noel dos Santos Carvalho, é o documentário O Progresso da Ciência Médica em Pernambuco (1927), dirigido por Octávio de Farias. Nesta obra, são registrados aspectos da infraestrutura da Faculdade de Medicina do Recife e o seu público, onde o corpo docente e discente é formado unicamente por brancos, enquanto os pacientes da ala psiquiátrica são em sua maioria negros e mestiços. Deste modo, esse documentário reflete um pensamento pautado em ideias eugenistas, em que a ciência foi usada como instrumento de controle e ordenamento social.

Na década de 1950, mudanças já haviam ocorrido em relação a representação do negro no cinema brasileiro, algumas delas provenientes da mobilização do Teatro Experimental do Negro (TEM)<sup>5</sup>, no entanto, essas transformações não foram o suficiente para erradicar os estereótipos e preconceitos nas telas. No entanto, é neste período que Nelson Pereira dos Santos dirige Rio, 40 Graus (1955) e Rio, Zona Norte (1957), importantes obras para o Cinema Novo que discutem temas raciais e culturais.

Os temas sociais foram abraçados pelo movimento do Cinema Novo, e com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” os cineastas deste movimento buscavam difundir uma arte engajada, que expusesse a desigualdade e a opressão que o país enfrentava. Duas obras que marcaram a discussão racial neste movimento foram Barravento (1962), de Glauber Rocha, e Ganga Zumba (1963), de Cacá Diegues, este último trazia em seu elenco Zózimo Bulbul, importante figura do cinema negro brasileiro.

A década de 1970 representa um momento em que pessoas negras conquistam, de forma crescente, novos espaços no cinema, especialmente na direção. Entre os nomes de destaque estão Waldyr Onofre, Antônio Pitanga e Zózimo Bulbul, reconhecido como o pai do cinema negro no Brasil.

Em 1984, Adélia Sampaio se torna a primeira mulher negra a ter um longa-metragem comercializado no Brasil: Amor Maldito (1984). Apesar da obra não tratar diretamente de

<sup>5</sup> O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi criado em 1944, na cidade do Rio de Janeiro, como um projeto idealizado por Abdias do Nascimento (1914-2011). O TEN tinha a proposta de valorizar a cultura afro-brasileira por meio da arte e educação, além de almejar a criação de um novo estilo dramático, propondo a criação e encenação de peças teatrais escritas e encenadas por pessoas negras.

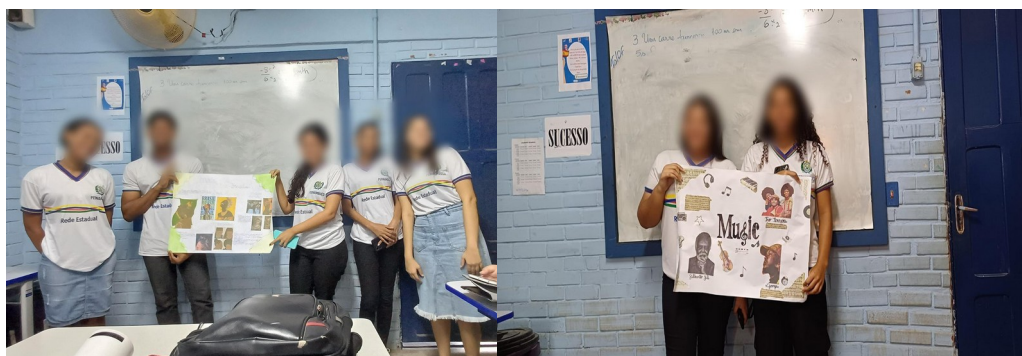


temas sobre a história afro-brasileira, o filme se tornou um marco na representatividade da mulher negra no cinema.

Nos anos 2000, o audiovisual brasileiro já apresentava avanços nas discussões sobre questões sociais. Contudo, estereótipos e preconceitos ainda persistiam em produções comerciais, como o programa Zorra Total (1999–2020). Nesse contexto, movimentos como o Dogma Feijoada, fundamentado em sete princípios<sup>1</sup>, buscavam repensar a representação e as narrativas construídas sobre a população negra no país.

Por meio das discussões proporcionadas pela história do cinema negro brasileiro, visamos levar para a sala de aula reflexões acerca da determinação da comunidade negra e de sua luta contra os estereótipos e tentativas de apagamento provocadas pelo racismo. Desse modo, desenvolvemos este projeto em uma turma de 1º ano do ensino médio, composta majoritariamente por alunos negros, apesar desse fato, comportamentos racistas e preconceituosos eram corriqueiros.

A primeira etapa para a aplicação desta proposta, foi compreender o que os alunos entendiam sobre a cultura afro-brasileira. Para isso, dividimos a turma em 4 grupos, onde cada um ficou responsável por um aspecto relacionado ao tema central. Os eixos escolhidos foram: moda, música, comida e cinema. Dos quatro grupos, apenas dois apresentaram, o de moda e o de música. Apesar do baixo engajamento, os alunos trouxeram elementos interessantes, como a moda através de penteados e o uso de turbantes, e a celebração da cultura negra e resistência através de músicos como Gilberto Gil, Djonga e o Trio Ternura.



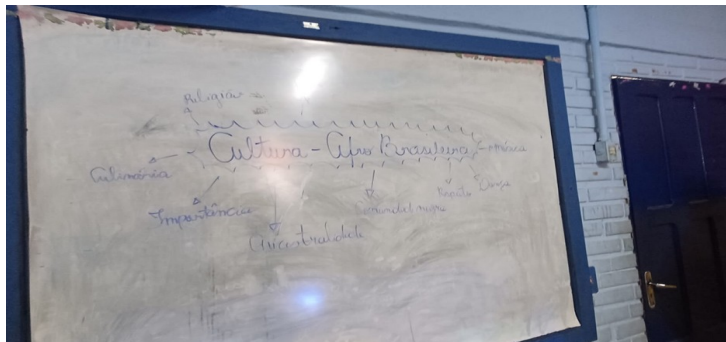
Após a apresentação dos dois grupos, realizamos a introdução do tema com os alunos, partindo de seus conhecimentos prévios. Escrevemos “cultura afro-brasileira” no quadro e pedimos para que os discentes associassem palavras a esse conceito. As respostas incluíram religião, culinária, importância, ancestralidade, comunidade negra, respeito, dança e música, revelando diferentes dimensões dessa cultura. Em seguida, apresentamos uma explicação





teórica sobre a cultura negra no Brasil do século XX, abordando suas formas de militância e resistência, ilustradas com um trecho do jornal *A Voz da Raça*.

IX Seminário Nacional do PIBID



Posteriormente, tivemos algumas dificuldades para aplicar a segunda parte do projeto, devido a adiamentos de aulas, eventos e o recesso de julho. No entanto, ao final conseguimos apresentar o contexto histórico do cinema negro brasileiro, os alunos prestaram bastante atenção e demonstraram interesse no assunto, levantando dúvidas e trazendo curiosidades históricas. No fim, passamos uma atividade para que eles elaborassem uma sinopse de filme a partir dos princípios do Dogma Feijoada<sup>6</sup>, porém, nenhum dos alunos entregaram a atividade, alguns apontaram a falta de criatividade na hora da realização, já outros não comentaram nada. Além disso, iríamos fechar a discussão com a exibição do curta-metragem *Cores e Botas* (2010), da diretora Juliana Vicente, porém, não foi possível devido ao tempo reduzido da aula.

Dessa forma, compreendemos que fatores externos, como o cotidiano escolar, podem influenciar no engajamento dos alunos e no desdobrar das atividades, mesmo quando se empregam metodologias ativas, como a aprendizagem significativa, e referenciais teóricos voltados à reflexão.

## METODOLOGIA

<sup>6</sup> Os sete princípios do Dogma Feijoada são: o filme tem que ser dirigido por um cineasta negro, o protagonista deve ser negro, temática do filme deve estar relacionada com a cultura afro-brasileira, o filme tem que apresentar um cronograma exequível, personagens estereotipados negros são proibidos, o roteiro deve privilegiar o negro comum brasileiro, super-heróis ou visões devem ser evitados.





A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem interdisciplinar, na qual articulamos diferentes recursos para o projeto AfroVisões. Para isso, realizamos pesquisas sobre fontes jornalísticas da década de 1930, como o periódico A Voz da Raça, ademais, fizemos o uso de mapas mentais que foram feitos no quadro branco, a fim de desenvolver reflexões sobre a cultura afro-brasileira e uma aprendizagem coletiva.

Além disso, foram propostas atividades que estimulassem os alunos a debaterem sobre diferentes elementos, como filmes, músicas, moda e culinária. Desse modo, tentamos utilizar o curta metragem Cores e Botas (2010), de Juliana Vicente, que retrata o racismo a partir do cenário televisivo.

Apesar do baixo engajamento dos alunos e de alguns imprevistos que dificultaram o alcance dos objetivos iniciais, foi possível observar momentos de aprendizagem significativa. Durante a elaboração coletiva do mapa mental, os estudantes conseguiram estabelecer relações com o tema central, além de demonstrarem interesse ao fazer perguntas e compartilhar curiosidades sobre o assunto.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nas últimas décadas, pesquisas sobre o uso do cinema negro como ferramenta pedagógica tem se intensificado, refletindo novas formas de ensino que ultrapassem os limites da abordagem tradicional e valorizando as produções de comunidades antes silenciadas como instrumentos de aprendizagem. Nessa perspectiva, Celso Luiz Prudente argumenta que:

"As minorias constroem, por meio da dimensão pedagógica do cinema negro, sua imagem de afirmação positiva, humanizando ainda mais as relações humanas, na medida em que ensina a sociedade a se libertar do peso do preconceito, que a dificulta viver a contemporaneidade do conhecimento, que é antitético em relação ao preconceito. (PRUDENTE, 2018, p. 105).

Bell Hooks (2023), argumenta que o cinema tem um poder transformador na vida do espectador, podendo canalizar em novas perspectivas sobre determinados assuntos. Desse modo, o cinema negro brasileiro proporciona aos estudantes a oportunidade de identificar e refletir sobre silenciamentos históricos, sem se limitar a isto, também são abordadas outras referências, que constroem um conhecimento a partir de narrativas e saberes que não têm a branquitude como eixo central (PACHECO; QUEIROZ; SOARES; AYMBERÉ; NUNES, 2023, p. 07) Dessa forma, o cinema negro configura-se não apenas como recurso pedagógico, mas também como





espaço de resistência e promoção de uma educação plural, capaz de dialogar com a realidade social e cultural dos estudantes, ampliando horizontes e fomentando a reflexão crítica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os objetivos inicialmente propostos para esta pesquisa não puderam ser plenamente alcançados devido ao baixo engajamento dos estudantes, embora a metodologia aplicada tenha sido usada para estimular a participação dos mesmos, verificou-se um envolvimento limitado. Essa situação gerou impactos significativos perante a obtenção dos dados e a efetividade das práticas planejadas.

Apesar disso, essa experiência permitiu refletir e identificar obstáculos que surgem no cotidiano escolar. Desse modo, ela indica que fatores como motivação, familiaridade com o tema ou contexto escolar influenciam no engajamento dos alunos. Essas questões demonstram a necessidade de estratégias adicionais para promover a participação dos alunos e reforçam a importância de se levar em consideração o contexto e a disposição dos estudantes na implementação de projetos educacionais.

Portanto, ainda que os resultados quantitativos não tenham sido obtidos, a reflexão sobre as dificuldades encontradas contribuem para a compreensão dos desafios na mediação de práticas pedagógicas e podem orientar ajustes metodológicos em estudos futuros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto AfroVisões: Cinema, Resistência e Preservação da Cultura Afro-Brasileira evidenciou o potencial do cinema negro como ferramenta pedagógica, indo além das análises de representações racistas, mas abordando também as estratégias de resistência e a reconstrução das identidades negras no Brasil.

Apesar da baixa participação dos discentes, foi possível refletir sobre as possibilidades, limitações e desafios da sala de aula, que é marcada por fatores internos e externos.

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de uma educação plural, que considere o contexto escolar, promovendo espaço para novas alternativas e possibilidades educacionais.





A partir das questões abordadas, evidencia como o cinema pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica, servindo de análise de figuras que antes eram escanteios e dando voz à elas. Ainda que a participação dos estudantes tenha sido baixa é possível refletir sobre os mecanismos escolares e como fatores externos influenciam na sala de aula. Desse modo, o professor deve estar preparado para essas questões, tendo refletido e trazendo novas opções e possibilidades para a sala de aula.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Noel. Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

CARVALHO, Noel dos Santos. O cinema em negro e branco – algumas reflexões sobre o negro e o cinema brasileiros. In: PRUDENTE, Celso Luiz; ALMEIDA, Rogério de (Orgs.). Cinema negro: uma revisão crítica das linguagens. São Paulo: FEUSP, 2022. P. 24-35.

Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/946>.

Acesso em: 20 jul. 2025.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Teatro Experimental do Negro (TEM). Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/teatro-experimental-do-negro-ten>.

Acesso em: 14 jul. 2025.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HOOKS, Bell. Cinema Vivido: Raça, Classe e Sexo nas Telas. São Paulo: Elefante, 2023.

JANOT, Marcelo. O sonho possível de um cineasta brilhante. O Globo, 24 abr. 2018.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/artigo-nelson-pereira-dos-santos-sonho-possivel-de-um-cineasta-brilhante-22617890?versao=amp>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PACHECO, Emanuele de Souza et al. Cinema negro e educação antirracista. Ver.

Pemo, Fortaleza, v. 5, e10862, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.47149/pemo.v5.e10862> . Acesso em: 23 de jul. de 2025.

PRUDENTE, Celso Luiz. A dimensão pedagógica do cinema negro: uma arte ontológica de afirmação positiva do íbero-ásio-afro-ameríndio: a origem do cinema negro e sua dimensão pedagógica. In: PRUDENTE, Celso Luiz; SILVA, Dacirlene Célia (Orgs.). A dimensão pedagógica do cinema negro: aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente. Curitiba: Prisma, 2018.







SABADIN, Celso. Vocês Ainda Não Ouviram Nada: A Barulhenta História do Cinema Mudo. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

STANCIK, Marco Antonio. Eugenia no Brasil nos tempos da Primeira República (1889-1930): a perspectiva de Aleixo de Vasconcellos. Espaço Plural, Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, v. VII, n. 14, p. 32–35, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944357009> . Acesso em: 10 out. 2025.

